

Precário, mas amoroso

uma breve discussão sobre a interdição temporária do Espaço Raul Seixas

Amanda Alves

Fábio Nieto Lopez

Luis Alberto Menezes Cerqueira

Sueli Barros da Ressureição

Sônia Maria Rocha Sampaio

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

ALVES, A., *et al.* Precário, mas amoroso: uma breve discussão sobre a interdição temporária do Espaço Raul Seixas. In: SAMPAIO, SMR., org. *Observatório da vida estudantil: primeiros estudos* [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 115-131. ISBN 978-85-232-1211-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

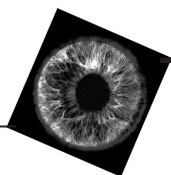


All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

PRECÁRIO, MAS AMOROSO
uma breve discussão sobre a interdição temporária
do Espaço Raul Seixas



AMANDA ALVES
FÁBIO NIETO LOPEZ
LUIS ALBERTO MENEZES CERQUEIRA
SUELI BARROS DA RESSUREIÇÃO
SÔNIA MARIA ROCHA SAMPAIO

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade

BARROS, 2010, p. 67

INTRODUÇÃO

O debate sobre a Universidade tem sido preocupação de diversos autores¹ ligados à vida dessa instituição. Ela encontra-se, igualmente, na

1 Sobre essas discussões, ver, especialmente, Almeida Filho (2007) e Santos (2005).

pauta do governo federal via política de ações afirmativas, expansão da capacidade das universidades públicas, retomada dos investimentos e contratação de novos professores, entre outras mudanças recentes que tentam reverter o processo vertiginoso de sucateamento das universidades públicas brasileiras, em ação há algumas décadas. Não se quer dizer, com isso, que as dificuldades da educação superior estão resolvidas, mas, que estamos diante de tentativas sinceras de analisar, em profundidade e de forma mais detida, as questões contemporâneas que envolvem o funcionamento e o papel dessa importante instituição.

Este texto almeja contribuir para a discussão de como esse contexto cambiante repercute na Universidade Federal da Bahia (UFBA), instituição que, inegavelmente, tem participado de forma ativa da proposição de novas políticas e rumos para a universidade e para a educação superior. Precisamente, nos propomos trazer para o debate um caso específico: a interdição do Espaço Raul Seixas, parte das instalações da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas², no campus de São Lázaro. Essa interdição se dá como resultado das intensas intervenções no espaço físico desta Faculdade, que trouxeram reconfigurações também na convivência entre os estudantes, professores e funcionários, e, possivelmente, no processo de afiliação (COULON, 2008) dos novos estudantes matriculados, no ano corrente, em cursos e componentes curriculares dessa unidade da UFBA.

Com esse esforço, acreditamos estar reiterando um dos objetivos do Observatório da Vida Estudantil (OVE) que é o de estar atento às condições institucionais oferecidas para a vida universitária. Embora sendo uma situação transitória, o estudante recém-chegado à UFBA, especialmente em algumas de suas unidades, vai se deparar com um grande canteiro de obras que transfigura a paisagem dos *campi* e cujos tapumes de proteção impedem o uso de algumas áreas e vias de circulação.

Olhar para essas interdições físicas no espaço, ouvir as críticas e investigar as implicações da nova paisagem que configura uma universi-

2 Ver planta no final do capítulo.

dade movente, não é se opor ao atual empenho de transformação, mas, sim, colocar em movimento as funções do OVE, de instrumento crítico e analítico do cotidiano universitário e, a partir daí, contribuir para a efetivação de uma universidade que, além de nova, seja também mais acolhedora, mais sensível às necessidades cotidianas de seus usuários, mais aberta ao convívio, mais cuidadosa com a riqueza que os espaços acolhem, e mais reflexiva quanto aos projetos arquitetônicos que implementa.

Para isso, três informantes, que utilizaram o Pátio Raul Seixas e são testemunhas do processo de interdição, foram estimulados a falar livremente sobre o passado e o presente. Um dos entrevistados é estudante, concluinte do curso de Ciências Sociais e integrou o CA de seu curso em plena discussão da destinação futura do pátio pós-reforma; outro entrevistado, vendia livros nesse espaço, há muitos anos atividade que, com a reforma, teve que se mudar de lá e, finalmente, entrevistamos um professor da unidade, assíduo frequentador do Pátio, fechando, assim, um pequeno quadro de diferentes olhares sobre esse espaço que nos dedicamos a estudar.

O ESPAÇO RAUL SEIXAS E SUA INTERDIÇÃO

A Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH) foi transferida para São Lázaro, em 1974; desde então, ela comporta, dentre outras, duas edificações principais e as mais antigas: o Casarão e um Pavilhão que, ao longo dos anos, passou a ser chamado pela comunidade, espontaneamente, de Raul Seixas³, e cuja construção data dos anos cinquenta, portanto antes da ocupação de São Lázaro pela FFCH, tendo sofrido adaptações para acolher estudantes, professores e funcionários, sempre consideradas insuficientes. Enquanto a administração dos cursos e alguns gabinetes situam-se nas salas do Casarão, o Pavilhão Raul Seixas abrigava, além de salas de aula, o pátio de mesmo nome, que ocupa localização central na edificação.

3 O nome oficial do prédio é Pavilhão Isaías Alves.

Esse antigo pavilhão de aulas em São Lázaro figura, na história da UFBA, como um dos espaços de convivência mais bem aproveitados da universidade. O seu pátio foi, ao longo de todos esses anos, sede de uma estreita relação de convívio entre estudantes dos diferentes cursos do campus e palco para os mais diversos tipos de manifestações acadêmicas, culturais e políticas: reuniões de grupos de trabalho, assembleias, palestras, festas, exposições, venda de artesanato e de livros novos e usados. A vida relacional, em todos os seus matizes, no Raul Seixas, foi apelidada de *patiologia*, pelos frequentadores de São Lázaro, não se tendo notícia de há quantas gerações de estudantes esse neologismo foi cunhado. Essa espécie de ciência do cotidiano, a *patiologia* só podia ser exercida em relação estreita com esse espaço específico e especial e, o melhor, depois das aulas, era ceder ao hábito de se reunir no pátio para, simplesmente conversar, ver e ser visto, saber de notícias de lá e de fora, como se fora um grande/pequeno mercado disponível e cheio de vida.

O pátio Raul Seixas era um ambiente provido de uma estrutura mínima, mas que possibilitava um convívio interpessoal direto entre seus frequentadores, acomodando, de maneira relativamente satisfatória, as demandas da comunidade do Campus de São Lázaro. A estrutura coberta contava com uma cantina, que servia, inclusive, de restaurante, além de diversas mesas com bancos fixos, que proporcionavam a possibilidade de estudar, almoçar, reunir-se ou apenas conversar e descansar. No seu entorno, havia ainda salas destinadas aos Diretórios Acadêmicos, serviços de fotocopiadoras, dois auditórios e a presença de vendedores que utilizavam o espaço para comercializar os mais variados tipos de mercadorias e produtos.

A interdição do Pavilhão de Aulas Raul Seixas ocorreu entre dezembro de 2008 e janeiro de 2009, no período de férias escolares, no qual as atividades, naturalmente, diminuem. Apesar do fechamento, alguns serviços continuariam a funcionar, com autorização da diretoria da FFCH, no corredor que dá acesso a saída lateral; apenas os serviços de Xerox e o clássico livreiro da unidade puderam manter suas atividades no local.

Ao longo de quase um ano de inatividade do pavilhão, uma intensa discussão se desenvolveu sobre a destinação do prédio após o final da reforma. A conclusão a que se chegou foi a de que a gestão da área, demarcada pelas obras, continuará a ser de inteira responsabilidade da FFCH, tendo-se o entendimento de que isto não fere os princípios gerais do Plano Diretor da UFBA. Este acordo foi legitimado por um Termo de Compromisso assinado no Gabinete do Reitor, após cuidadoso estudo de um documento que discutia a descentralização da gestão desse espaço⁴. O documento – *A gestão do pavilhão acadêmico Raul Seixas*, redigido pela Congregação da Unidade de São Lázaro – defendia e argumentava acerca da necessidade da gestão continuar nas mãos da FFCH, que deveria participar de forma ativa nos rumos da reforma, opinando inclusive sobre outras necessidades espaciais de interesse da comunidade de São Lázaro, além, evidentemente, da ampliação do número de salas.

Em 14 de dezembro de 2009, com o Termo de Compromisso, a ordem de serviço para o início das obras foi emitida. Neste mesmo termo, ficou acordado que a Reitoria empreenderia todos os esforços para completar as obras do CIEDS⁵, levantando os dois pisos superiores previstos, em virtude do reconhecimento de que as futuras instalações do reformado Pavilhão Raul Seixas não dariam conta das necessidades da unidade.

Tendo sido iniciadas, as obras de reforma ficaram sob a fiscalização da Prefeitura do Campus Universitário e sob execução da DR. Engenharia Limitada, sendo os recursos para seu financiamento da própria UFBA e do REUNI⁶. Segundo o atual diretor da FFCH, João Carlos Salles Pires da Silva, as obras, cujo início foi um pouco retardado, se encontram atrasadas, mas adverte que a responsabilidade pelo atraso é da

4 Segundo proposta inicial, o Pavilhão Raul Seixas deveria ser considerado como um pavilhão de aulas administrado centralmente, como outros que existem nos *campi* de São Lázaro, Ondina e Canela.

5 Centro Interdisciplinar de Estudos para o Desenvolvimento Social.

6 Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais do Ministério da Educação do Brasil.

empresa executora, pois não houve demora na liberação dos recursos. A estimativa era, portanto, de que o Pavilhão Raul Seixas fosse entregue para utilização, ainda no segundo semestre letivo de 2010.

Quando o pátio foi declarado inativo, no primeiro semestre de 2009, a frequência da comunidade foi, evidentemente, esvaziada. Houve ainda movimentos na tentativa de revitalizar o uso do espaço, a exemplo do projeto *Toca em Raul*, que promovia música e interações culturais entre os estudantes, mas o andamento dos trabalhos de reforma e sua utilização, como território propício à convivência, deixou de existir.

A VIDA ESTUDANTIL E O PÁTIO

Pensar sobre um espaço que não mais existe é uma articulação delicada e complexa entre fatos, datas, sua ordem cronológica de acontecimento, e outras dimensões ligadas às experiências de nosso corpo, nossas lembranças sensoriais e afetivas. Ao nos debruçarmos sobre o episódio da interdição do Pátio Raul Seixas, nos encontramos diante, tanto de fatos e diferentes argumentos de ordem objetiva, quanto de suspiros nostálgicos, que falam de dimensões de ordem subjetiva, de vivências significativas que o espaço abrigava, e que parecem ter sido interditadas juntamente com o prédio: *Assim que mudou o tipo de estrutura, mudou o tipo de relacionamento.*

Entendendo, assim como Coulon, (2008), que a afiliação estudantil está estreitamente vinculada a novas relações com o saber e as regras, mas também com o tempo e o espaço, é necessário ter esses aspectos em perspectiva, ao se estudar o cotidiano universitário. Tudo isso participa do processo vivido pelo estudante, ao ingressar no ensino superior, para que passe da condição de estrangeiro para a de membro competente de uma nova comunidade.

Ser um membro competente desta comunidade exige do estudante conhecimentos que extrapolam a elaboração adequada de trabalhos acadêmicos. Diz respeito, também, às competências cotidianas

exigidas pela nova cultura que começa a conhecer, implica na apropriação de uma série de códigos que compõe o senso comum, nas práticas e interações aparentemente mais insignificantes. (COULON, 2008) Desta forma, este autor considera que permanecer na universidade o menor tempo possível, como faziam alguns estudantes, segundo a pesquisa que realizou na França, acaba por tornar ainda mais árido esse aprendizado, isolando esse estudante e interrompendo sua imersão na nova cultura. Alain Coulon demonstra, claramente, que ser estudante é um ofício muito mais complexo do que se supõe à primeira vista, pois depende de um aprendizado minucioso e sofisticado da ‘linguagem natural do grupo’, o que requer tempo e, acrescentamos, convivência.

Avançando na compreensão do processo de afiliação, notamos que esse tempo na universidade requer um espaço que acolha a permanência. Importante sinalizar que a universidade opera como uma “estação” que abriga os trilhos de tempo-espaço individuais por um determinado período. Giddens (1989) traz esse conceito de Hägerstrand (1916-2004)⁷ para analisar os percursos individuais que fazemos ao longo de um dia, de um mês, ou de uma vida. Utilizar essa referência nos leva a observar as dificuldades e os tempos de deslocamento, de permanência, ou as restrições de contato que as trilhas individuais enfrentam, assim como as possibilidades de encontros nessas “estações”. A permanência na universidade, portanto, corresponderia a oportunidades de intersecção de duas ou mais trilhas de tempo-espaço, oportunizando ao estudante condições de afiliar-se.

O Pátio Raul Seixas, dentro do campus de São Lázaro da UFBA, parecia operar bem essas funções, como aparece na entrevista com o estudante: *Quando o pátio ainda estava aberto, o pessoal, apesar de não ter aula, principalmente o pessoal mais velho, usava aquilo como um centro de convivência, sentava pra conversar, pra tomar um café [...].* Neste depoimento, o Pátio Raul Seixas aparece como tendo perdido o que na área da saúde se denomina *ambiência*, ou seja, uma característica dos

7 Torsten Hägerstrand, geógrafo sueco, responsável por inovações metodológicas e teóricas importantes, inaugurou os estudos sobre geografia temporal e cultural, na Universidade de Lund.

espaços de encontro entre sujeitos que ultrapassa o aspecto meramente físico e comporta atividades sociais, profissionais e relações interpessoais, apresentando clima acolhedor e saudável. (BRASIL, 2006) Assim, do ponto de vista físico, o Pátio, apesar da precariedade em que já se encontrava, reunia uma disposição espacial e estética agregadora das mais diversas atividades, que proporcionavam troca de experiências, a circulação de notícias e ideias, a formação de opinião sobre temas da atualidade, intra e extrauniversitária, promovendo qualidade nas interações da comunidade acadêmica.

Esta qualidade da convivência na perspectiva de Coulon (2008) parece ser essencial para o processo de afiliação do estudante na Universidade, que passa por três momentos fundamentais até que se dê a internalização de regras e códigos próprios ao ambiente acadêmico, a saber: estranhamento, aprendizagem e afiliação. No pátio, o estudante vivenciava o estranhamento das referências, linguagens, regras de conduta, ao mesmo tempo em que, sendo um lugar de todos, era também acolhido em seus primeiros contatos: *de modo precário, mas amoroso*, como nos disse o professor entrevistado.

Do ponto de vista psicossocial, a ambiência do Pátio, além de amorosa, comportava-se como palco para a formação da identidade acadêmica do estudante, já que se apresentava como o *meeting point* da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. É disso que nos fala o livreiro:

[...] o Raul Seixas, era um espaço de reencontro da galera, né? [...] Fechando aquele espaço ali, ficou muito limitado, perdeu muita coisa. Daqui há, mais ou menos, uns cinco ou seis meses, o espaço deve voltar. Não com a cantina. Então vai perder muito a circulação de gente por aquele espaço ali [...] aquele é um espaço muito interessante, onde todo mundo se encontrava.

Novamente aqui encontramos para o Pátio a função de estação de encontro entre as pessoas, extrapolando a simples função de circulação, que também está presente. O interesse pela cantina que ali existia,

aparece também como preocupação do destino do Pátio, na fala do professor, perguntado a respeito da vida cultural, ali presente, desde o início de sua utilização:

Cultural é mesmo o sentido mais cotidiano de mistura, era uma frequentação, parecia mais um mercado, uma praça pública... como na Bahia, que [tudo] também vira mercado. Porque vendia desde camiseta, livro... além do que, como era ponto de encontro, era o modo mais fácil de dar um recado, de colocar os cartazes, de encontrar as pessoas, [...] de convivibilidade face a face, coisas que desapareceram. Parece que não vai haver mais cantina quando reinaugurado aquele prédio.

O pátio parecia ocupar a função de principal estação do campus de São Lázaro, um pequeno mercado onde se negociava, não apenas mercadorias, mas um mercado de trocas afetivas, políticas e culturais, como afirma o professor. Espaço propício para a permanência na universidade, para o aprendizado de tornar-se um estudante e, na palavra dos entrevistados, de construção da *patilogia*:

[...] enquanto mercado de variedades que se prestava, é bem a ágora dos gregos antigos, [...] lugar de encontro, de conversa, de formação de novas amizades, de matar tempo, de uma ‘patilogia’, que é matar tempo e ficar conversando [...].

Eu acho que esse espaço, que eu arriscaria dizer, é um espaço de formação ética [...]. Ética não se informa, não se ensina, mas se aprende.

Um espaço transformado em *ágora*, lugar que informa a criação de um *ethos*, a afirmação de um tipo particular de cultura universitária, na qual “matar o tempo” aparece como condição indispensável, por permitir a permanência no espaço universitário e a criação e realização de atividades para-acadêmicas (COULON, 2008); em oposição ao modelo em que o tempo é utilizado como ausência, como escassez, atualizando o discurso da competitividade, da pressa e da urgência de ter

sucesso em um exame, em que o espaço é entendido e utilizado como passagem, como corredor para um fim particular, onde pessoas gravitam em torno da sala de aula.

As implicações de interferências no espaço, nas condições de encontros e de convivência, aparecem nesse outro fragmento da entrevista com o professor, que chama a atenção para a convivência como espaço de formação política:

[...] isso também significa despolitização, significa reduzir o espaço de informação da opinião política. Onde é o espaço de formação política? Onde as pessoas podem conversar: 'é aí o que está achando da direção, vai votar em quem?' Vamos fundar um partido clandestino?

Essa opinião expressa o que poderíamos chamar de perda da qualidade de afiliação do estudante. No seu rito de aprendizagem, no segundo momento da afiliação (COULON, 2008), o estudante constrói novas configurações subjetivas e intersubjetivas através da formação de novos vínculos. Desse modo, a Universidade, sendo um lugar onde “todo mundo fala com qualquer um” (COULON, 2008, p. 175), se configura também como um lugar de convivência, que deve proporcionar uma interação entre os estudantes que extrapole as relações em sala de aula como uma das estratégias para a formação psicológica, ética, política e cultural do jovem.

Dayrell (2004, p. 11), nos seus estudos sobre juventude e grupos culturais, destaca que a sociabilidade, que se manifesta através de “grupos de pares, o lazer e a diversão aparecem como elementos constitutivos da singularidade da condição juvenil”, principalmente nas camadas populares. É nesta sociabilidade que os jovens buscam referências individuais e coletivas: “Na sociabilidade, o falar torna-se o próprio fim, o assunto é simplesmente o meio para a viva troca de palavras revelar seu encanto”. (DAYRELL, 2004, p. 10)

Seria este o encanto do Pátio Raul Seixas? Estes aspectos da convivência universitária convergem para a natureza democrática da sociabilidade, também apontada por Maturana (2004, p. 31), que considera

a democracia como forma de convivência que só pode existir entre os adultos se for vivida ao longo do processo de desenvolvimento:

[...] todas as atividades humanas surgiram como conversações (redes de coordenações comportamentais consensuais entrelaçadas com o emocional). Portanto todo viver humano consiste na convivência em conversações e rede de conversações. Em outras palavras. Digo que o que nos constitui como seres humanos é nossa existência no conversar.

Manter a universidade longe desse processo de esvaziamento de sua função formadora, entendida em sentido amplo e do fomento a uma cultura universitária viva, implica promover uma relação diferente dos estudantes com a instituição e com o conhecimento, estimulando a manutenção de redes de vínculo e solidariedade. As transformações da contemporaneidade que atravessam as rotinas dos indivíduos, em seus aspectos mais sutis, podem implicar o esvaziamento do coletivo, uma despolitização generalizada, na fugacidade dos encontros e no utilitarismo das ações. O professor ajuda a retratar uma época diferente dessa que tratamos, com certa nostalgia:

[...] eu sou de uma época em que a formação se dava em tempo integral, ia morar na cidade, montava uma república e 100% enturmado dia e noite. Era um modelo de convivência universitária altamente agregada, as pessoas lembram uma das outras, têm sites até hoje, saem até hoje. Isso desapareceu, a universidade como um lugar de amizade, de frequentação, perdeu muito⁸.

8 Sobre esse depoimento, pontuamos que é conhecido o fato de que a memória suaviza o passado para que se possa enfrentar as dificuldades da vida no presente. Não podemos esquecer de que, quando a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas foi transferida, para o que veio a ser o campus de São Lázaro, em 1974, o país encontrava-se, fazia já 10 anos, em pleno regime militar: entidades estudantis fechadas ou em mãos de estudantes que defendiam a ditadura, reuniões e aglomerações proibidas, estudantes e lideranças estudantis perseguidas, algumas presas, torturadas e mortas, outras na clandestinidade. O pátio já existia, mas não era possível utilizá-lo da mesma forma como no período posterior à democratização, que ocorreu em 1985, 21 anos após o golpe militar.

Estar disperso no espaço universitário tem implicações no sentimento de pertencimento e na formação da identidade do corpo discente, como afirmou o estudante anteriormente. Práticas contemporâneas, que privilegiam a abundância de compromissos, os contatos rápidos ou exclusivamente virtuais, e vínculos cada vez mais frágeis e passageiros, podem interagir com um espaço pouco amigável, promovendo o oposto do que seria desejável, no que diz respeito a esse sentimento de pertencer que deve ser desenvolvido entre os universitários. Diz o estudante: *esse prédio novo aqui de São Lázaro, o PASL, é um tipo de estrutura fria, anticonvivialidade, sabe? Uma coisa que você fica limitado a assistir a aula e ir embora. Botaram um jardim ali, mas ninguém usa.*

É ainda Bauman (2001), que faz uma observação relevante sobre os espaços, mostrando como estes estão sendo pensados para afastar o infortúnio de se deparar com o estranho e com o imprevisível. O shopping center, por exemplo, seria um ‘lugar sem lugar’, e funciona para que muitos caminhem lado a lado, mas sem os constrangimentos da negociação e do conflito. Uma comunidade de iguais que não quer ser incomodada, consome, passeia, se entedia, se diverte e se vai. Ida e vinda livre, desimpedida e descompromissada.

Outra constituição arquitetônica característica de nosso tempo e cada vez ganha mais exemplares nos espaços públicos são os “não-lugares”, definidos por Bauman (2001) como destituídos de construção simbólica, de história, de relações, de ambiência, uma vez que seu único destino é o de serem atravessados e deixados para trás o mais rapidamente possível. A partir dessa definição e considerando a finalidade e responsabilidade da universidade com a formação integral das novas gerações é central que ela desenvolva projetos que prevejam espaços que possam ser investidos de sentido pelos usuários através de sua permanência neles. É isso que aconteceu com o pátio: o tempo nele investido, por repetidas levas de usuários, é que o tornou especial e capaz de contar uma história, apesar de toda a sua precariedade. Não era um lugar ideal, mas era, nos termos de Manoel de Barros, o maior lugar do mundo para muitos estudantes que podiam, ali, inventar intimidade com o espaço físico e com seus cúmplices, na condição de estudantes.

Essa característica dos espaços íntimos não escapou à análise de Santos (2009), em seu livro *Pensando o espaço do homem*, onde comenta que a emotividade e a presença humana nas coisas inanimadas e na arquitetura foram sacrificadas, e agora resta-nos uma arquitetura desprovida de afetividade. No relato resistente do estudante aparece a tentativa de reverter o processo e de reconstruir intimidade:

[...] a gente tentou revitalizar ele culturalmente, a gente lançou uma campanha ‘toca em Raul’, que era exatamente essa questão de tocar nele, de fazer ele voltar, e tornar aquele espaço, já que estava inútil, ocioso, tornar ele um espaço onde a gente pudesse se manifestar [...].

Mas, à parte a nostalgia e a “saúde dos velhos tempos”, é preciso encontrar saídas, abrir novas portas por onde a mudança possa entrar. Para o livreiro, a transformação passa, necessariamente, pela mobilização dos estudantes: *vamos ter que criar outro espaço, né? Mas isso aí depende muito da parte acadêmica, o estudante tem que correr atrás, não se acomodar, deixar tudo na mão da Reitoria.*

Mas, a julgar pela opinião do estudante, a desativação do pátio teve consequências para a organização política do segmento já que os CA's de todos os cursos não dispõem de salas individuais para acolher suas atividades, até que seja finalizada a reforma do pavilhão Raul Seixas.

ENTRE NÃO-LUGARES E LUGARES AMOROSOS

Tencionamos, neste capítulo, trazer algumas reflexões acerca das implicações da interdição física do Pátio Raul Seixas na formação universitária, especialmente dos estudantes matriculados em cursos da FFCH, a partir do olhar de seus usuários. Esse fechamento, para a reforma das instalações do pavilhão de mesmo nome, é apenas uma, entre outras muitas intervenções voltadas para compatibilizar as instalações e a infraestrutura da UFBA com a ampliação do número de vagas e postos de trabalho para novos professores. Entretanto, não é possível ignorar o impacto que as importantes intervenções arquitetônicas atuais im-

põem ao cotidiano universitário. A reestruturação física dos *campi* deve ser reconhecida como uma das estratégias fundamentais para alcançar o projeto de uma universidade pública e democrática, mas, para atingir esta meta, torna-se necessário reconhecer, igualmente, a sociabilidade da comunidade acadêmica como um dos aspectos não apenas constituintes, mas centrais para o desenvolvimento de uma cultura universitária. Esse não é um aspecto de importância menor ou que exista a despeito de toda e qualquer condição material. Sua constituição delicada e tecida através de práticas cotidianas necessita de apoio sensível para se constituir.

Através dos olhares de nossos entrevistados vimos que o Pátio Raul Seixas foi, durante muitos anos, o centro de convivência da FFCH, palco das manifestações culturais e políticas, contribuindo para a formação integral do estudante. O seu fechamento foi visto por esses atores como responsável pela substituição da sua atmosfera convivial e calorosa, por outra fria e impessoal, não tendo se constituído nenhum outro espaço substituto, ao longo desse quase um ano em que dura a reforma. São Lázaro teria se tornado “um lugar sem lugar”? (BAUMAN, 2001)

Está claro que a expansão quantitativa da universidade é uma das respostas mais esperadas pela sociedade, especialmente por aqueles que, todos os anos, são impedidos de nela ingressar pela tardia massificação da educação superior no Brasil. Mas essa é apenas uma das faces dessa equação delicada; apresentar respostas contemporâneas para as múltiplas crises da universidade não se limita ao seu crescimento quantitativo. Torna-se necessário também pensá-la como espaço de desenvolvimento e formação integral, considerando as relações vitais que seus usuários estabelecem com os espaços que lhes são destinados.

Se há um esvaziamento dos interesses coletivos, da mobilização política, da construção de vínculos, a universidade deve se ocupar também em viabilizar modelos inovadores de gestão de sua infraestrutura, entendendo que as condições de tempo e de espaço interferem na constituição de uma vida universitária plena de experiências, de aber-

tura para novas possibilidades, de disponibilidade para a prática ética em *ágoras* ainda que improvisadas ou precárias.

Não foi a precariedade do espaço Raul Seixas que o tornou especial, mas sim sua capacidade em acolher a permanência das pessoas, constituindo-se em ponto de encontro, de cultura e de trocas. Assim, a sofisticação de um espaço construído, se nele a vida humana não funciona como um disparador de atenção especial e focada, pode constituir-se como mote para a impessoalidade e a dispersão. Nesse sentido, devemos cultivar ideias contra-hegemônicas, no que diz respeito aos opostos complementares espaço/lugar, como aconselha o arquiteto sinoamericano Yi-Fu Tuan (1983, p. 59):

O espaço aberto não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelem algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado. O espaço fechado e humanizado é lugar. Comparado com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos. Os seres humanos necessitam de espaço e de lugar. As vidas humanas são um movimento dialético entre refúgio e aventura, dependência e liberdade.

É necessário e central planejar lugares para os encontros, para as pausas e a permanência, permitindo que se criem intimidades com as estruturas, que se conheçam as especificidades de seus cantos; lugares para os tempos mais dilatados, onde a interrupção do movimento automático e veloz seja possível, espaço e tempo para ouvir e ver com mais riqueza de detalhes, e, assim, cultivar a *patiologia*, amorosamente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, Naomar. *Universidade Nova: Textos Críticos e Esperançosos*. Salvador, EDUFBA, 2007.

BARROS, Manoel de. *Memórias Inventadas: as infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Editora Planeta, 2010.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. *Ambiência*. 2.ed. Brasília, DF, 2006.

COULON, Alain. *A condição de estudante: a entrada na vida universitária*. Salvador: EDUFBA, 2008.

DAYRELL, Juarez. *Juventude, Grupos Culturais e Sociabilidade*. 2004, Belo Horizonte. Disponível em <<http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/ABA2004.pdf>> Acesso em 20 mar. 2010.

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

MATURANA, Humberto R; VERDEN- ZÖLLER, Gerda. *Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

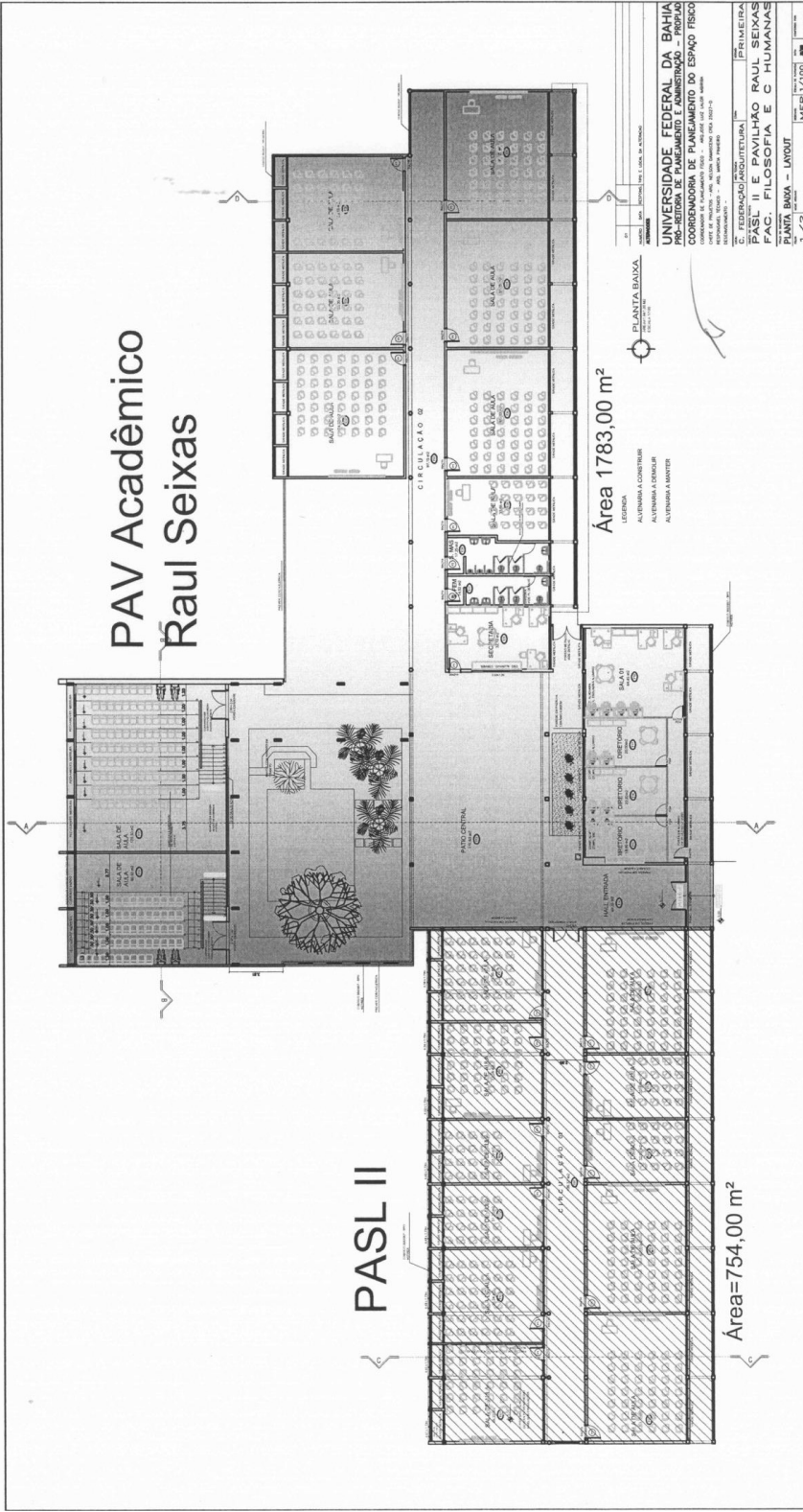
SANTOS, Boaventura de Souza. *A Universidade do século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade*. Educação, Sociedade & Culturas, 23, p. 137-202. 2005.

SANTOS, Milton. *Pensando o Espaço do Homem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Resolução 02/2009: *A Gestão do Pavilhão Acadêmico Raul Seixas*. 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Gabinete do Reitor: *Termo de Compromisso*. 14 de dezembro de 2009.



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Gabinete do Reitor: Termo de Compromisso. 14 de dezembro de 2009.